

Contação de histórias como ferramenta para a Musicoterapia

Fernanda Batista Santos

Resumo: O presente artigo **trata da** contação de histórias como ferramenta para a musicoterapia. A partir de estudo bibliográfico, traz uma breve explicação do que é contação de histórias **e da relação dela com a música, em musicoterapia.**

Palavras-chave: contação; histórias; musicoterapia.

Abstract: This paper **refers** storytelling as a tool for music therapy. From bibliographic study provides a brief explanation of what is storytelling and storytelling and music in relation to music therapy.

Key words: storytelling, stories, music therapy.

Introdução

Este artigo **salienta** a importância da contação de histórias como ferramenta para a musicoterapia, **por meio de revisão bibliográfica, apresentando tipos** de histórias e seus recursos,. **Ele também propõe a adoção dessa ferramenta aliada à música, no processo musicoterápico, com o objetivo de se desenvolverem,** junto às crianças, jovens, adultos e pessoas com deficiências, meios de resolução **de** conflitos interiores.

“A minha língua é a pena na mão de um destro escritor.” (Salmos 45 verso 1).

O interesse **por esse assunto surgiu das** observações no estágio clínico, das supervisões **e dos** atendimentos a pacientes que se utilizavam da contação de histórias **como forma de elaboração de** determinados conteúdos inconscientes, do mundo interno. **Nesse sentido, este artigo procura resgatar** a importância da oralidade, **do contar histórias, o que parece esquecido no mundo contemporâneo.**

Contaçon de histórias

O termo contaçon de histórias é um neologismo não existente no dicionário, seu uso é restrito aos contadores de histórias. Antes da criação da escrita, todo conhecimento era transmitido oralmente, e a memória oral era o único recurso de armazenamento, de conservação e de transmissão desse saber para as futuras gerações. Os oradores foram os precursores dos contadores de histórias, transmitidas por diferentes povos do mundo, em todos os tempos.

A contaçon de histórias é importante pois é uma maneira de o indivíduo, desde a mais tenra idade até a idade mais avançada, vivenciar e compreender a realidade psíquica. Ela o leva a uma maior reflexão sobre sua própria existência. Assim, faz parte da formação do indivíduo, ajudando-o na resolução de problemas, na aquisição de conhecimentos, na formação da personalidade, do caráter, da moral e da ética.

Segundo Hamante Bá (2008), o espiritual e o material, na tradição oral, não se separam ao se passar do esotérico para o exotérico. Ao alcance dos homens, a tradição oral consegue falar-lhes de acordo com suas necessidades e entendimento, revelar-se-lhes, de acordo com as aptidões. A tradição oral é religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à unidade primordial.

Entre os contadores de história de que se tem conhecimento, encontramos Jesus Cristo, que se utilizou das parábolas e comparações entre os povos e suas experiências para transmitir seus ensinamentos.

Como ilustração, uma parábola bíblica, bastante conhecida do evangelho de São Marcos, capítulo 4: “A parábola do semeador,” fala da importância de se escutar a palavra de Deus e de seguir seus ensinamentos.

1 Novamente Jesus começou a ensinar à beira-mar. Reuniu-se a seu redor uma multidão tão grande que ele teve que entrar num barco e assentar-se nele. O barco estava no mar, enquanto todo o povo ficava na beira da praia.

2 Ele lhes ensinava muitas coisas por parábolas, dizendo em seu ensino:

3 "Ouçam! O semeador saiu a semear.

4 Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho, e as aves vieram e a comeram.

5 Parte dela caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque a terra não era profunda.
6 Mas, quando saiu o sol, as plantas se queimaram e secaram, porque não tinham raiz.
7 Outra parte caiu entre espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas, de forma que ela não deu fruto.
8 Outra ainda caiu em boa terra, germinou, cresceu e deu boa colheita, a trinta, sessenta e até cem por um.
9 E acrescentou: "Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça!"
10 Quando ele ficou sozinho, os Doze e os outros que estavam ao seu redor lhe fizeram perguntas acerca das parábolas.
11 Ele lhes disse: "A vocês foi dado o mistério do Reino de Deus, mas aos que estão fora, tudo é dito por parábolas."
12 A fim de que, "ainda que vejam, não percebam; ainda que ouçam, não entendam; de outro modo, poderiam converter-se e ser perdoados!"
13 Então Jesus lhes perguntou: "Vocês não entendem esta parábola?" Como, então, compreenderão todas as outras?
14 O semeador semeia a palavra.
15 Algumas pessoas são como a semente à beira do caminho, onde a palavra é semeada. Logo que a ouvem, Satanás vem e retira a palavra nelas semeada.
16 Outras, como a semente lançada em terreno pedregoso, ouvem a palavra e logo a recebem com alegria.
17 Todavia, visto que não têm raiz em si mesma, permanecem por pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandonam.
18 Outras ainda, como a semente lançada entre espinhos, ouvem a palavra;
19 mas, quando chegam as preocupações desta vida, o engano das riquezas e os anseios por outras coisas sufocam a palavra, tornando-a infrutífera.
20 Outras pessoas são como a semente lançada em boa terra: ouvem a palavra, aceitam-na e dão uma colheita de trinta, sessenta e até cem por um (Bíblia Sagrada, 2005, p. 53).

Também Sherazade, uma personagem fictícia dos contos árabes das mil e uma noites, se utilizou das histórias para **salvar sua** vida e a de outras mulheres e curar o rei, por amor a ele.

As mil e uma noites, Sherazade: Há muitos séculos atrás reinava no antigo Oriente um poderoso sultão chamado Shariman. Seu irmão, Shazaman, reinava na Índia. Um dia, o irmão enviou um mensageiro convidando-o para uma visita. Shariman, que gostava de viajar e estava com saudades do irmão, aceitou o convite prontamente. Chamou seu vizir e encarregou-o de governar enquanto estivesse viajando. Partiu com uma imensa caravana. No meio do caminho, porém, percebeu que esquecera o presente que daria ao irmão. O rei ordenou que acampassem ali e retornou, acompanhado somente de dois guardas. Chegando ao palácio, Shariman viu um de seus súditos entrar no quarto da rainha. Furioso, pegou sua espada e, com um só golpe, rasgou o véu que fechava o quarto da esposa e surpreendeu os dois abraçados. A rainha atirou-se aos pés de Shariman, pedindo-lhe perdão, mas ele se afastou. Chamou seus guardas e ordenou: —Matem-nos! Shariman decidiu que não confiaria mais em nenhuma mulher. Para evitar traições, casaria com uma jovem a cada noite e, no dia seguinte, ao nascer do sol, a mataria. O rei encarregava o vizir de escolher suas esposas. O vizir se entristecia por ter de arrancar de seus lares as pobres donzelas. Muitas famílias deixaram o reino para que as filhas escapassem de destino tão cruel. Chegou um dia em que o vizir não encontrou mais moça solteira para se casar com o rei e voltou preocupado para casa. O vizir era pai de duas lindas jovens: Sherazade e Denizade. Aquela, a mais velha, além de bela era instruída nas artes e nas ciências. Havia lido inúmeros livros, conhecia a história dos povos e de reinos de todas as épocas. Sabia poesia e música. Tinha uma voz encantadora, suave e melodiosa, como a de um pássaro. Vendo o pai tão infeliz, Sherazade perguntou o motivo de tanta tristeza, e, quando o vizir lhe contou, ela disse: — Pai, leve-me ao rei. Serei sua esposa e terminarei com essa tragédia. O vizir amava muito sua filha, mas não teve escolha e a levou a Shariman. Sherazade, antes de partir disse à irmã: — Você irá comigo. Quando for a hora de dormir, peça que eu conte uma de minhas histórias para o rei. E assim, seguiram para o castelo: o vizir, Sherazade e Denizade. Quando chegou o momento esperado, Denizade sugeriu: _Querida irmã, conte para o sultão as maravilhosas histórias que fazem o tempo passar de maneira tão

prazerosa! Shariman, curioso, pediu: _Sherazade, conte as histórias. A moça sorriu e disse: _Com imensa alegria, senhor! E começou a contar histórias de reis e heróis, cheias de aventuras, de viagens fantásticas, de descobertas e mistérios. Sem que o sultão percebesse, as horas passaram, e o sol nasceu. Sherazade interrompeu uma história na melhor parte e **comentou**: — Já amanheceu, senhor. O rei, interessado na história, deixou Sherazade no palácio para mais uma noite. E, assim, ela fez o mesmo na noite seguinte: contou-lhe mais histórias e deixou a última por terminar. Sherazade assim **procedeu** por 1.001 noites seguidas. Sempre alegre, cantava ou declamava poesias e encantava o rei, ora com histórias de enigmas, ora com histórias de civilizações conhecidas, procurando conquistar o coração dele com carinho e dedicação. Shariman apaixonou-se por Sherazade e, na milésima segunda noite, declarou: — Não saberia mais viver sem você, querida Sherazade. Ela então sorriu e contou-lhe que estava esperando um filho do rei. Feliz, Shariman beijou-lhe: — Que presente maravilhoso, Sherazade! Peça-me o que quiser, que eu darei. A jovem pediu-lhe **que fosse sua** última e única esposa, e que não houvesse mais matanças. Sherazade, o rei e o filho que nasceu, chamado Khaled, foram felizes para sempre Com sabedoria e amor, Sherazade conquistara a confiança e o coração do poderoso sultão. (Marques, 2001, 1, 16).

Esse conto traz a resolução do problema do reino, a conquista da liberdade com a criatividade como também a transformação da realidade psíquica do rei, **que pôde** amar e ser feliz novamente.

Sabendo que a contação de histórias favorece a formação do caráter moral, da personalidade, **como também o desenvolvimento da aprendizagem, da linguagem, da educação e do conhecimento cultural e social, é imprescindível sua preservação como também a dos** contadores de histórias, no mundo contemporâneo: **além de apresentar as** características como entretenimento, fantasia, imaginação, respeito e reflexão, a contação facilita o autoconhecimento, pois é um meio eficiente **para se solucionarem** os conflitos emocionais.

O trabalho de contação de histórias com crianças também promove desenvolvimento nos aspectos psicológico, pedagógico, histórico, social, cultural e estético. Em geral, as histórias, por permitir **vivência de** temas arquetípicos presentes em nossa psique, é uma

ferramenta **para se melhorar** a compreensão dos conflitos internos, **favorecendo o encontro** de soluções.

Os diferentes tipos de histórias

As histórias proporcionam **meios de questões e conflitos emocionais serem trabalhados de formas diferenciadas**, por meio de recursos lúdicos; **por isso, é importante que se conheçam um pouco as** facetas de sua atuação:

- Fábula: história que contém sentido moral ou político, **tendo** como personagens animais que vivenciam situações humanas;
- Apólogo: história com alusão a uma situação exemplar e sentido de valor metafórico, **tendo** como personagens seres inanimados, objetos e elementos da natureza;
- Parábola: história criada a partir da realidade, **geralmente de** caráter religioso, tem como personagens humanos, embora **haja** situações em que animais aparecem;
- Mito: história de crenças e acontecimentos históricos, **com** personagens da mitologia **grega e romana**;
- Lenda: **história transmitida oralmente** de geração em geração com velhas tradições, tem como personagens monstros **que são** metade homem e metade animal;
- Conto maravilhoso: **história** de origem oriental, **sendo a mais** conhecida a coletânea “As mil e uma noites”;
- Conto de fadas: história propositada a excluir a verdade e o lógico, **iniciando-se** com a expressão “Era uma vez...” Provoca imaginação, emoção, risos e calafrios, **tendo** como personagens as fadas, que são as heroínas de muitas **narrativas**;
- **História** em quadrinhos: seu enredo é narrado quadro a quadro, **utilizando-se linguagem verbal e/ou não verbal**.

Segundo Taham (1957) e Costa (2006), **histórias podem ser contadas de variadas maneiras, usando-se os seguintes recursos**:

- Fantoches: utilização de bonecos animados e manipulados por uma pessoa. Possuem expressões e são movimentados por braços e mãos;

- História cantada: a música é o principal recurso nessa modalidade e pode ser utilizada tanto em toda a história como apenas em trechos;
- História desenhada: geralmente é trabalhada no chão, e os ouvintes só perceberão o desenho ao término da história, que é narrada e desenhada pelo contador;
- História com interferência: os personagens são os próprios ouvintes;
- História sequenciada: exige memorização dos ouvintes, já que cada trecho remete a algo que já aconteceu;
- História com dobradura: o contador utiliza o papel com dobraduras para materializar os pontos fortes da narrativa;
- História com elementos simbólicos: o contador utiliza objetos para enfatizar pontos principais dela;
- História com efeitos sonoros: o contador se utiliza dos sons para representar personagens e elementos da natureza;
- História com livros: o contador se utiliza do livro como mediador;
- História com desenhos e figuras que saltam aos olhos;
- História narrada sem apoio de livros: o contador se utiliza de movimentos expressivos, olhar intenso, e utiliza as palavras para criar uma imagem transportando o ouvinte para o interior da história.

Contação de histórias e música

A música em uma contação de histórias encanta, evidenciando seus vários propósitos, como o de fazer-se calar, isto é, promover a reflexão, como também dinamizar, chamar a atenção, transmitir uma mensagem e aprimorar integralmente a personalidade (propiciar um desenvolvimento biopsicossocial), não tendo só o papel de fundo ou de enfeite musical.

A contação de história associada à música desenvolve sensações espontâneas, afetivas, raciocínio (organização de ideias), imaginação, comunicação oral e ajuda a definir determinados comportamentos, pois a ação e as atitudes dos personagens servem como modelo para o ouvinte, por trazer também questões e temas arquetípicos, presentes em nossa psique. Assim sendo, essa associação pode veicular questões morais e costumes regionais como também ajudar a se formarem estruturas

cognitivas, pois estimula pensamento, ideias, fantasias, memória, capacidade de compreensão e de interpretação da história. Promove, ainda, aquisição da linguagem, percepção, abstração, coordenação motora, autoconhecimento, formação de conceitos, julgamento, além de ter efeito terapêutico.

Um dos precursores da contação de histórias associada à música, segundo Cimino e Santoro (2010), foi o músico de canção popular Braguinha, um executivo da gravadora Columbia que, nas décadas de 1950 e 1960 lançou o selo Disquinho, que trazia uma série de histórias e fábulas em discos de vinil coloridos.

Segundo Taham, os treze principais gêneros ou modalidades de histórias cantadas e musicadas (1957) são estes:

- 1- Histórias com músicas cantadas pelos ouvintes;
- 2- Histórias em narrativa simples, terminada com uma canção;
- 3- História precedida de uma canção;
- 4- História apresentada em simples narrativa ou com gravuras e depois transformada em quadras musicadas;
- 5- História apresentada, a princípio, em simples narrativa, depois transformada em quadras musicadas e dramatizadas;
- 6- Histórias com canções de perguntas e respostas;
- 7- História com interferências variadas, imitações de animais, gestos, cantos e ruídos diversos;
- 8- Historieta inspirada num episódio da História do Brasil, motivada por uma canção;
- 9- A "Festa do Livro," tradicionalmente levada a efeito nos Jardins de Infância que demanda, em seus programas, os cantos de oferta, os cantos de agradecimento e posteriormente, as apreciações e comentários;
- 10- Apresentação aos ouvintes de canção com enredo, que depois será reproduzida por um deles em simples narrativa;
- 11- Imitação do canto dos pássaros, canção e história;
- 12- História autêntica, vivida pelos ouvintes e, a seguir, musicada pelo contador;
- 13- Brincadeira de roda e história

Um bom exemplo de contação de história musicada, através da brincadeira de roda, é “A linda Rosa juvenil”:

A linda rosa juvenil

A linda rosa juvenil, juvenil, juvenil
A linda rosa juvenil, juvenil.
Vivia alegre em seu lar, em seu lar, em seu lar
Vivia alegre em seu lar, em seu lar
E um dia veio uma bruxa má, muito má, muito má
Um dia veio uma bruxa má, muito má
Que adormeceu a rosa assim, bem assim, bem assim
Que adormeceu a rosa assim, bem assim
E o tempo passou a correr, a correr, a correr
E o tempo passou a correr, a correr
E o mato cresceu ao redor, ao redor, ao redor
E o mato cresceu ao redor, ao redor
E um dia veio um belo rei, belo rei, belo rei
E um dia veio um belo rei, belo rei
Que despertou a rosa assim, bem assim, bem assim
Que despertou a rosa assim, bem assim
Batemos palmas para o rei, para o rei, para o rei
Batemos palmas para o rei, para o rei
(Paiva, 2003, p. 63).

A linda Rosa juvenil **trabalha na roda** os sentimentos, além dos temas relacionados à morte e à esperança, por meio da utilização da música **e da** interpretação. Outro exemplo **é o conto-brincadeira** *Gato maltês*, uma adaptação de tema folclórico, **com interferência de canto**:

Era uma vez um homem muito bom, sossegado e calmo, chamado Militão. Era coronel. O coronel Militão.

O coronel Militão, ao cair da noite, tornava-se muito nervoso. Sofria de insônia. Não podia dormir com barulho.

Qualquer barulhinho o acordava e pronto. O Coronel perdia o sono. E naquela noite não dormia mais.

O coronel Militão tinha uma vizinha chamada Siá Chica.

Morava a Siá Chica na casa ao lado da casa do coronel Militão.

Um dia deram de presente à Siá Chica um gato cinzento, isto é, um gato maltês.

Siá Chica ficou encantada com o gato maltês e comprou até uma coleira de prata, muito bonita, para o gato.

Ora, nos primeiros dias, tudo foi muito bem. Mas, no fim de uma semana, o maltês deu na mania de miar. E miava muito alto e de noite.

Logo que o coronel ia para a cama, começava o gato sua triste cantoria:

— Mi-au! Mi-au! Mi-au!

Era um inferno. O coronel Militão não podia dormir. O miado do gato maltês não parava.

Que fez o coronel Militão para acabar com aquele abuso?

Chamou o seu empregado, o Bastião, e disse-lhe:

— Esse gato da Siá Chica é horrível! Deixa-me nervoso! Não posso dormir com o miado. Você, Bastião, irá, agora mesmo, ao fundo do quintal; suba no muro e atire, lá de cima, um pedaço de pau nesse gato.

O Bastião fez exatamente como o coronel havia mandado.

Foi para o fundo do quintal, subiu no muro e olhou para o quintal da vizinha, Siá Chica.

A noite era de luar e estava muito clara. Bastião viu perfeitamente o gato maltês. Lá estava ele, perto do tanque, miando. Miando sem parar.

— Mi-au! Mi-au! Mi-au!

O empregado do coronel não teve dúvida. Apanhou um pedaço de pau e — zás! — atirou o pedaço de pau no gato.

Era o querido gato maltês da Siá Chica. Ouviu-se um barulho terrível. Miados, gritos, barulho d'água, rádio-patrolha!

O coronel Militão, que se achava na janela, ficou muito espantado. Espantadíssimo. Que teria acontecido?

Dali a pouco apareceu o Bastião. Estava todo sujo, roupa rasgada e tinha até um ferimento na testa.

— Que foi isso, Bastião? Que aconteceu com o gato? perguntou aflito, nervoso, o coronel Militão.

O Bastião contou:

— Atirei o pau no gato, to, to, Mas o gato, to, to, não morreu, rreu, rreu, A Siá Chica, cá, cá, admirou-se, se, se, do berro... do berro... que o gato deu.

Que terá acontecido? Qual fora a causa daquele barulho?

Se admirou-se, sê, sê, do berro... do berro... que o gato deu.

— E o gato fugiu? — perguntou o coronel — Siá Chica levou o gato?

O Bastião contou o caso:

— Ao ouvir o grito do gato, Siá Chica saiu da casa correndo e não viu aquela poça funda que fica no quintal ao

lado do viveiro. E bumba-tchibum! — caiu na poça. O gato, quando viu Siá Chica na poça, deu outro grito!

— Mi-au!

— E Siá Chica? Morreu afogada?

E o Bastião explicou:

— Siá Chica, cá, cá, E' boa moça, cá, cá, Caiu na poça, cá, cá e não morreu, rreu, rreu, Siá Chica, cá, cá, admirou-se, sê, sê, do berro... do berro... que o gato deu!

— Que veio fazer a rádio-patrolha? — perguntou o coronel.

— Ora, Siá Chica, — respondeu o Bastião — furiosa por ter caído na poça, tomando assim um banho noturno sem querer, deu queixa à Polícia. Veio a rádio-patrolha e nos levou para a Delegacia. Quando o gato viu o delegado, deu outro grito:

— Mi-au!

— E você foi preso?

— Qual preso, qual nada! — respondeu o Bastião.

— Siá Chica, cá, cá, foi à polícia, cia, cia, mas a polícia, cia, cia, não me prendeu, deu, deu, Siá Chica, cá, cá, admirou-se, sê, sê, do berro... do berro... que o gato deu!

— E, afinal, que fim levou o gato?

— Siá Chica encontrou na Delegacia um alemão muito alto, de cabelo vermelho, chamado Meroveu. O alemão gostou do gato da Siá Chica e resolveu comprá-lo. Siá Chica vendeu o gato ao alemão, ao tal Meroveu. Quando o Delegado segurou o gato, para entregá-lo ao alemão, o gato deu outro miado.

— Mi-au!.

E o Bastião cantou:

Siá Chica, cá, cá, lá na polícia, ciá, ciá, vendeu o gato, tô, tô, ao Meroveu, veu, veu, Siá Chica, cá, cá, admirou-se, sê, sê, do berro... do berro... que o gato deu!

— Mi-au!....

(Taham, 1957, p. 266, 267)

A história do “Gato maltês” traz questões psicológicas: muitas vezes, as soluções encontradas por nós podem trazer graves consequências a outras pessoas. Ela desenvolve também a imaginação, a fantasia, a lembrança e o entretenimento e promove a integração e a socialização, ao trazer a dramatização sonora.

Contar história pode ser uma sinfonia. Desde que nessa sinfonia, orquestrada com palavras, entrem todos os instrumentos: do sopro da respiração ao metal da voz, do dedilhar do corpo ao ribombar do olhar.

Contar histórias pode ser uma opereta. Desde que, nesse gênero cênico do conto, as partes embaladas pelo ritmo da fala se alternem com o que se narra com alma.

Contar histórias pode ser uma dança coreográfica. Desde que, nessa sequência de palavras com corpos e de corpos com palavras, se esteja inteiramente comprometido com a melhor maneira – e nunca a única – de se expressar o coração da palavra. E que a fala, os movimentos, passos e gestos estejam associados à emoção, e claro, à plasticidade.

Contar histórias, na verdade, é a união de muitas artes: da literatura, da expressão corporal, da poesia, da música, do teatro. (Sisto, 2007, p. 39, 41).

Contação de histórias e musicoterapia

“A musicoterapia é uma psicoterapia que utiliza o som, a música, o movimento, o instrumento corpóreo sonoro musical e outros códigos não verbais acompanhando o desenvolvimento, a elaboração e a reflexão de um vínculo ou uma relação entre o musicoterapeuta e o outro, ou um grupo de outros, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida deles e favorecer a integração para a sociedade”. (Benenzon, 2008, p.7).

Nas sessões de musicoterapia, os recursos de contação de histórias podem ser utilizados com diversos públicos, como crianças, adolescentes, adultos e pessoas com deficiências, com o objetivo de desenvolver o pensamento reflexivo, a autoestima, e de facilitar a compreensão dos conflitos emocionais.

Em muitos casos clínicos, o próprio paciente busca contar sua história utilizando os instrumentos, a voz e o corpo do musicoterapeuta, na tentativa de compreender, elaborar e resolver seus conflitos internos.

Contar histórias não é só a capacidade de narrar, mas também de representar. Partindo desse princípio, o paciente, por meio das histórias e da música, pode resolver seus problemas de ordem afetiva, porque elas oferecem diferentes soluções psicológicas. Os musicoterapeutas passam a ser os contadores de histórias e os oradores, já que aquelas podem partir tanto dos terapeutas como dos pacientes.

No método receptivo proposto por Bonny (1978), de Imagens Guiadas e Música (G.I.M.), trabalha-se com a escuta musical, que, por sua vez, desencadeia o surgimento de imagens numa determinada sequência, formando uma história com começo, meio e fim a respeito dos conteúdos inconscientes dos pacientes, a serem elaborados. **Tal método proporciona experiências criativas** de intervenção terapêutica, de conhecimento, além de promover religiosidade e liberação de emoções intensas.

Segundo Bruscia (1998), há também a possibilidade de se trabalhar em musicoterapia com dramatização e interpretação de diversos papéis, em uma proposta de dramatização sonoro-musical, na qual o paciente se utiliza dos instrumentos e da voz, **para expressar seus sentimentos, emoções e seus conflitos emocionais.**

Considerações Finais

A contação de histórias pode ser uma ferramenta valiosa à musicoterapia, tanto para facilitar a expressão dos sentimentos **como para auxiliar** o desenvolvimento psicológico de crianças, jovens, adultos. **Mostra-se valiosa também para** pessoas com deficiências.

Segundo **Bettelheim** (2002), a psicanálise trabalha com a interpretação dos contos de fadas como recurso para compreender o inconsciente do indivíduo. Na psicologia de orientação junguiana, **utilizam-se** mitos, lendas e contos de fadas com crianças, adolescentes e adultos, **como recurso para ajudá-los a elaborar** questões profundas da psique, **não só no aspecto individual como também no coletivo.**

Tanto na psicanálise como na psicologia, **trabalha-se** com o verbal; **no** entanto, na musicoterapia, **é necessário** tomar os devidos cuidados para que a narrativa (fala), tanto do terapeuta quanto do cliente, não seja de predomínio na sessão, para que o não verbal **não** se reprima.

A música, os sons e o silêncio são excelentes recursos que podem estar presentes no processo musicoterapêutico.

Referências

BENZON, RO; GAINZA, VH.; WAGNER, G. *La nueva musicoterapia*. 2. ed. Buenos Aires: Lumen, 2008.
BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. 6. ed. São Paulo: Geográfica, 2005.

BONNY, H. *The Role of Taped Music Programs in the GIM Process*. Salina, KS: Bonny Foudation, 1978.

BRUCIA, KE. *Definindo musicoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 1998.

CIMINO, V., SANTORO, C. *Cuidar de pessoas e música: uma visão multiprofissional*. São Paulo: Yendis, 2010.

COSTA, S. *Como contar histórias usando os sons: uma introdução à percepção e educação sonora*. São Paulo: Ave Maria, 2008.

HAMANTE BÁ. *A tradição viva*. 2008.

MARQUES, C. *As mil e uma noites*. São Paulo: Leitura, 2001.

PAIVA, IMR. *Brinquedos Cantados*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SISTO, C.; NUNES FH.; MORAES, RAUEN, TM. *Contar histórias, uma arte maior*. In: Medeiro, *Memorial do Proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem*. Joinville, Univille, 2007.

TAHAM, M.; *A arte de ler e contar histórias*. Rio de janeiro: Conquista, 1957.